

Em tempo de pandemia

Fernando Costa

Os senhores¹ nem imaginam quanto para mim tem sido azarenta esta sexta ou sétima semana (já lhes perdi a conta) de confinamento obrigatório por causa do vírus. Cada dia pior que o anterior.

Hoje acordei muito cedo. Não era minha intenção acordar cedo (gosto de dormir a manhã na cama, pouco mais tenho para fazer), mas aí pelas oito ou oito e meia comecei a ouvir pimpins, um a cada segundo. Torneira mal fechada, deduzi. E deduzi porque não era a primeira vez nem a segunda que isso acontecia. O som parecia vir da cozinha, lá fui, vi aquela grande mancha de água no chão. Pois era isso mesmo: torneira mal fechada, válvula deixada no ralo do lava-louça, o pingo encheu o lava-louça, a água extravasou.

Agi rápido de esfregona na mão porque a água já estava a entrar no buraquinho entre o mosaico e a parede deste velho primeiro esquerdo. Velho, e de renda que a segurança social me ajuda a pagar (depois de muitos requerimentos e provas de pobreza, qual delas mais dramática).

Ainda eu não tinha acabado de esfregonar, bate-me à porta a Dona Arlete do rés-do-chão. Ela vem sempre reclamar, palpitei logo mais uma reclamação. A Dona Arlete vinha de máscara cirúrgica e ar zangado. Não disse bom-dia, o que disse foi:

– Ouça lá, você sabe que estamos em pandemia e tem o descaramento de abrir a porta sem máscara que me proteja das suas tosses e espirros?

Recuei prontamente, fui enfiar a máscara, reapareci.

– Já imagino ao que vem, Dona Arlete. Desculpe lá, deixei outra vez a torneira mal fechada, deve haver um pouco de água a escorrer pela sua parede abaixo.

– Um pouco de água? Diga antes um rio!

– As minhas desculpas, Dona Arlete. Vou já limpar a sua parede, dê-me só uns minutos para tirar o pijama e vestir qualquer coisa.

¹ E as senhoras. Defeito de fabrico, estou sempre a esquecer-me delas.

– Entrar em minha casa? É o entras! Eu sei lá se você está infectado?

Lançou-me um olhar esconso, desandou, e manteve o ar esconso a descer a escada. Começava mal o dia.

Já que estava à porta avancei para a caixa do correio à procura daquela carta da segurança social a anunciar o aumento mensal de dois euros na pensão. Havia quase um mês que o aumento tinha sido aprovado em parlamento — e o raio da carta nunca mais aparecia a confirmar, tranquilizar. Também não apareceu hoje, na caixa só vi a fatura da luz. O dia continuava mal.

Vesti-me a preceito (não sei bem para quê, não tinha plano de saída), fiz café que bebi sem leite porque o leite tinha acabado — e eu não iria conseguir outro pacote porque a lojinha aqui do bairro continua fechada. Não gosto deste café se não lhe misturar um pouco de leite. Porque este café é desses cafés de plástico que vêm em frasquinho e saberão certamente a qualquer coisa — mas não a café. O dia piorava a olhos vistos.

Mas, já que estava vestido a preceito, saí para uma daquelas voltas curtas que ainda se autorizam. Ia para onde? Não fazia ideia. Nestas dúvidas costumo rumar à paragem do autocarro e esperar o primeiro que passe. Se for o que vai para Oeiras, vou para Oeiras; se for o que vai para a Amadora, vou para a Amadora. E na Amadora apanho comboio até Lisboa se me sinto tentado a viagem mais longa. Nada de planos prévios, tudo a decidir na hora. Porque planos prévios em tempo de pandemia não se devem fazer, o mais certo é saírem furados.

Passou primeiro o autocarro da Amadora, fui para a Amadora. Que tinha eu a fazer na Amadora? Nada, absolutamente nada. Foi talvez esse nada que me decidiu a entrar no comboio para Lisboa. E que tinha eu fazer em Lisboa? Também nada, absolutamente nada.

Em tempos de pandemia viaja-se bem no comboio: máximo de 10 ou 15 passageiros por carruagem, e bem afastados uns dos outros para evitar contaminações (norma em letras gordas na estação).

Na Amadora só entraram dois na carruagem vazia: eu e um sujeito que se preparava para sentar mesmo a meu lado. Sou de poucas palavras, encostei o indicador da mão esquerda ao indicador da mão direita, depois afastei-os aí uns vinte centímetros. O homem percebeu o convite a afastamento, avançou duas fileiras, instalou-se numa das

muitas cadeiras vazias. Estava agora a quase três metros, cumpria a regra. Sou de poucas palavras, só lhe atirei um gesto de agradecimento.

Mas o homem queria falar. Virou-se no assento, disse:

– Desculpe lá, eu sei que não posso sentar junto, mas só queria falar um pouco. Já há dias que não falo com ninguém por causa desta porcaria do confinamento. E eu gosto de falar, trocar umas ideias.

– Troque.

– Bom, na verdade não tenho nada de especial para dizer, só queria desenferrujar a língua.

– Desenferruje.

– É uma chatice esta coisa de termos de ficar confinados em casa por causa do vírus, não é verdade?

– É.

– A vida já estava mal; e agora com este confinamento pior ficou, não acha o senhor?

– Acho.

– Com este confinamento tudo me passou a correr às avessas porque agora até tenho de aturar vizinhos que anteriormente pouco via. Imagine o senhor que ainda não eram sete da manhã e já eu me via obrigado a deixar a cama para atender a fulana do segundo esquerdo — reclamação por causa da janela que eu tinha deixado aberta e a bater toda a noite. Veja o senhor que a fulana até me chamou descarado por lhe ter aparecido à porta sem máscara. Então o senhor acha que uma pessoa que acaba de se levantar da cama já tem de andar de máscara?

– Não acho.

– Vi logo que o dia estava a começar mal. E mal continuou porque quando me preparava para “matabichar”² verifiquei que o pão tinha acabado. Onde ia eu arranjar pão com todas as lojas fechadas por causa da pandemia? Não “matabichei”, o dia continuava mau. E pior ficou quando fui à caixa do correio e vi que ainda não tinha chegado a carta da segurança social a anunciar aquele aumento de dois euros que os tipos andaram a discutir no parlamento. Uma chatice. Um tipo ganha tão pouquinho e depois nunca mais aparece o aumento que lhe andaram a prometer. Um problema que o senhor não terá porque a sua reforma deve ser aí uns mil, não?

² Tomar o pequeno-almoço.

– Dois.

– Dois mil euros? Porra, isso é um balúrdio! Quem me dera! Mas não pense que tenho inveja. Ganho pouco porque só fiz a 4ª classe, enquanto que o senhor deve ter tirado cursos...

– Vários.

– Olhe, isso de ganhar um balúrdio acaba por não ser lá muito bom porque quanto mais se ganha mais se desconta. A si também lhe devem tirar logo um balúrdio em descontos, não?

– Um balúrdio.

(Afundei-me mais no assento, evitava que ele reparasse bem no casaco coçado. No sapato cambado e na calça de feira não podia ele reparar porque lhe ficavam fora do ângulo de visão.)

O homem continuava a dissertação sobre balúrdios e descontos:

– A mim não fazem desconto porque a minha pensão não chega ao salário mínimo. Com isso tenho sorte. Mas, por outro lado, ganhar abaixo do salário mínimo é tão pouco, não é?

– Deve ser.

– Pois, continuando a nossa conversa, eu já estava tão farto de estar fechado em casa que hoje resolvi sair, ir até Lisboa. Não é que eu tenha alguma coisa a fazer em Lisboa. Nada, absolutamente nada, vou só espairecer. Mas quando cheguei aqui à estação já estava a ficar arrependido. Sabe, é que eu sou muito esquecido, estou na dúvida se deixei ou não deixei a luz da cozinha acesa. Mas que se lixe, resolvi não voltar atrás, vou mesmo espairecer. O senhor também vai espairecer?

– A negócios.

– Pois negócios é coisa a que me não dedico, tirante as couves e as batatas que de vez em quando compro ao Chico Espinha, aquele que tem lojinha de hortícolas na minha rua. Por acaso ainda não me deu os vinte e cinco cêntimos de troco da compra da semana passada. Dizia ele que não tinha moedas. Aldrabice. O senhor conhece o Chico, não conhece?

– Perfeitamente.

– Pois eu não vou a Lisboa a negócios, vou só espairecer na rua. Digo na rua porque às vezes também espaireço em casa. E, porque simpatizo consigo, até lhe vou dizer como espaireço em casa: escrevo. Só fiz a 4ª classe do tempo do Salazar, mas

mesmo assim gosto de escrever coisas, é a maneira como espaireço em casa. O senhor por acaso será como eu, também costuma escrever coisas?

– Nunca.

– Pois então aceite o meu conselho, escreva umas coisas de vez em quando. Ajuda a passar o tempo, distrai, e é bom para a saúde da cabeça, não acha?

– Talvez seja.

Ele não chegou a dizer-me que coisas costumava escrever porque o comboio já chegava ao Rossio. Atirei-lhe um aceno de despedida, raspei-me rápido. Sou de poucas conversas e palavras. Não queria mesmo mais conversa com aquele companheiro de desgraças.

E lá estava eu em Lisboa a espairecer sem programa. Para o lado dos Restauradores ou para o Chiado? Não tinha razão especial para optar pelo Chiado, mas optei pelo Chiado. Subi a Rua do Carmo, não ouvi aquele fado da Amália que costuma sair do camião muito antigo que lá costuma estar parado (e agora também está, mas sem disc jockey), olhei com pouco interesse os tipos de trança e as tipas a condizer que se sentam no passeio de mochila ao lado, espreitei (só por espreitar) a montra de uns Armazéns do Chiado fechados, subi a Garrett, vi que na montra da Bertrand (fechada) já estava exposto o último romance de um desses tipos da televisão que escrevem romances, na Brasileira vi muito poucos turistas a “selfar” com o Pessoa, depois fui inspecionar os pombos do Camões, desci para o Cais do Sodré, voltei ao Rossio por aquela rua onde há as casas do bacalhau (onde não comprei bacalhau porque estavam fechadas; e mesmo que estivessem abertas não compraria porque ainda não recebi carta da segurança social a certificar os dois euros de aumento).

No Rossio pareceu-me que já tinha espairecido o suficiente, já podia voltar ao comboio para o regresso, subi a escadaria da estação. Não fui pela escada rolante, não. O diabo tece-as, e eu sei que há sempre uns tipos apressados que ultrapassam e se encostam demasiado quando o fazem. Melhor usar a velha escadaria: em tempo de pandemia homem prevenido vale por dois e meio, diz o meu vizinho Jeremias.

Eu a entrar na carruagem e a ver lá aquele palavroso companheiro de desgraças que até já tinha esquecido. O homem aproximou-se logo, fiz o tal sinal dos indicadores a afastar-se, ele cumpriu, recomeçou a conversa interrompida:

– Olhe, ainda bem que saí de casa, consegui realmente espairecer um pouco em Lisboa. O senhor é que não deve ter podido espairecer porque vinha tratar de negócios. Bem proveitosos esses negócios, suponho...

Não sei se era pergunta ou não, mas respondi:

– Muito.

– Pois eu não sabia que direção tomar, acabei me decidindo pela Rua do Carmo, que é a que fica aqui mais perto. De modo que subi essa rua. Não gosto muito de a subir porque por ela acima vejo sempre aqueles vadios de tatuagem, trança, e brinco na orelha, muitas vezes com umas gajas que não parecem melhores do que eles. Acho que o governo devia era espantá-los dali para fora, obrigá-los a trabalhar, não acha também o senhor?

– Acho.

– Pois continuei rua acima, virei depois para a Garrett, frente à Brasileira lá estavam umas gajas e uns gajos da estranja a tirar selfie com o homem de ferro que está sentado na cadeira. Vejo sempre isto. A propósito: o senhor tem alguma ideia de quem seja o homem de ferro?

– Nenhuma.

– Depois andei mais uns cem metros, cheguei à estátua daquele fulano que escreveu uns versos que os miúdos da escola são obrigados a estudar. Já ouviu falar desses versos, não ouviu?

– Não.

– É pena, porque o Gervásio até diz que esses versos são coisa boa. O senhor conhece o Gervásio, não conhece? Aquele que mora junto ao Minipreço e é casado com a Catarina da papelaria, não conhece?

– Perfeitamente. (*Quem diabo será esse Gervásio?*)

– Pois o Gervásio diz que os versos são coisa boa. Mas não era do Gervásio que eu queria falar, eu queria era continuar a contar o meu passeio de espairecimento. Da estátua do homem dos versos desci até ao Cais do Sodré, depois voltei ao Rossio por aquela rua onde há as lojas do bacalhau. Mas nem gosto de passar por aí, confesso que tenho sempre inveja daquele bacalhau grosso. No tempo do Salazar também havia um bacalhau fininho, chamavam-lhe de terceira, coisa tão barata que toda a gente podia comprar. Hoje não: bacalhau grosso ou fino é tudo caro, tudo comida de rico. Eu gostava de voltar a ter aquele bacalhau barato dos tempos do Salazar, por isso não

percebo porque é que há para aí tanta gente a dizer mal do homem nos jornais e nas televisões. É feio, não acha?

– Acho.

– E também achei feio aquela coisa de os comunas lhe tirarem o nome da ponte, até parece que foram eles, os comunas, a construí-la à pressa na noite de 24 para 25. O senhor acha isso bem?

– Não acho.

Estávamos a chegar à Amadora, o homem levantou-se para sair, pensei que ia finalmente libertar-me dele. Mas não, ele ainda tinha mais para dizer:

– Pois, meu caro senhor, nem imagina como gostei da nossa troca de impressões. O senhor faz pouca pergunta e responde curto, não é como essa gente que passa a vida a tagarelar. Nunca gostei de gente que fala pelos cotovelos, falam muito porque não sabem ouvir. E quando respondem a alguma pergunta dão voltas e mais voltas até chegar àquele ponto que nos interessa. E sabe o senhor mais? Depois de muita conversa veem que não arranjam resposta de jeito, põem-se a divagar, falam disto e daquilo, parece que têm corda. Enfim, gente que fala muito e diz pouco. Mas consigo é mesmo bom falar. Faz pouca pergunta e dá resposta curta. Isso é que é saber conversar. Foi um prazer esta troca de impressões, muito obrigado e proteja-se do vírus. O vírus só devia atacar os que falam demais, mas ataca a todos, por isso proteja-se.

Na plataforma lembrou-se de mais qualquer coisa. Mas a porta já tinha fechado, o comboio partia, e ele corria plataforma fora ao lado do comboio, estava a dizer-me mais qualquer coisa. Mas não percebi, sou mau leitor de lábios.

Cheguei ao meu prédio, vi a Dona Arlete de máscara à janela do rés-do-chão, atirei-lhe aceno amável (a que só respondeu com ar esconso), procurei a chave, quando entrei em casa corri a ver como estavam as coisas na cozinha. Tudo legal, como dizem os brazucas: não ouvi pim...pim, mosaicos bem secos, nada de água a espraçar, alegrei-me.

Mas logo me desalegrei quando entrei no quarto: luz deixada acesa por umas quatro horas e a eletricidade está tão cara! Dia mau até ao fim, vi que precisava de sair outra vez, espairar mais um pouco. E então lembrei o sujeito que tinha desenferrujado a língua à minha custa e me confidenciara que também espairar em casa escrevendo coisas.

Fiz mais café daquele que sabe a outra qualquer coisa, arregacei as mangas, peguei a bic de ponta fina, e comecei a escrever esta história para que os senhores (e as senhoras) se possam entregar a um pouco de esparecimento caseiro em tempo de pandemia. Certo que não será esparecimento muito cultural porque a minha 4ª classe não dá para isso — vem do tempo do Salazar, tal como a do meu companheiro de viagem. Mas se a dele dá para esparecer em casa — também a minha há de dar. Pena é que eu ainda não tenha conseguido adaptar-me (ou adatar-me?) a esse novo acordo ortográfico que anda aí pelas esquinas.

Fim